

O que entrelaça (n)a grupanálise: reflexões sobre a (inter)corporeidade na situação grupanalítica

What intertwines in group analysis: reflections on (inter)corporeality in the group analytic setting

Lo que entrelaza en el grupoanálisis: reflexiones sobre la (inter)corporeidad en la situación grupoanalítica

Rui Miguel Teixeira Gomes¹ 

Resumo: Partindo do conceito de matriz grupanalítica elaborado originalmente por Cortesão (2008), é proposta uma reflexão sobre a dimensão da intercorporeidade na situação grupanalítica. A crítica de Merleau-Ponty ao dualismo cartesiano amplia a possibilidade de compreensão do homem como unidade psicofísica, cuja consciência é encarnada. O conceito de quiasma, apresentado em *O visível e o invisível* (2019), dissolve fronteiras rígidas entre o eu e o outro, estabelecendo a intersubjetividade primariamente através da intercorporeidade. Este paradigma desafia o “mito da mente isolada”, orientando-se para uma psicanálise pós-cartesiana (Stolorow & Atwood, 2019) que define a mente como um sistema intersubjetivo corporizado. Argumenta-se que a situação grupanalítica decorre num campo intercorporal vivo e dinâmico, onde até a linguagem é concebida como um “gesticular com palavras” (Fuchs, 2016). Neste setting, a mudança terapêutica emerge deste entrelaçamento, ativada também pelo saber relacional implícito (Stern, 2007) e sendo reconfigurada por momentos de encontro. A Escola Portuguesa de Grupanalise tem vindo a integrar importantes contributos que permitem ampliar o seu alcance teórico e técnico. Assim, evidencia-se que a matriz grupanalítica se torna quiasma de presenças ou espaço potencial que recupera o self e o outro na sua alteridade, combatendo o desaparecimento do outro (Han, 2024).

Palavras-Chave: corporeidade; fenomenologia; grupanalise; mudança terapêutica; psicanálise

Abstract: Starting from the concept of the group analytic matrix originally developed by Cortesão (2008), a reflection is proposed on the dimension of intercorporeality in the group analytic setting. Merleau-Ponty's critique of Cartesian dualism expands the possibility of understanding humans as a psychophysical unit, whose consciousness is embodied. The concept of chiasm, presented in *The Visible and the Invisible* (2019), dissolves rigid boundaries between the self and the other, establishing intersubjectivity primarily through intercorporeality. This paradigm challenges the “myth of the isolated mind”, orienting towards a post-Cartesian psychoanalysis (Stolorow & Atwood, 2019), which defines the mind as an embodied intersubjective system. It is argued that the group analytic setting takes place in a dynamic and living intercorporal field, where even language is conceived as a “gesticulation with words” (Fuchs, 2016). In this setting, therapeutic change emerges from this intertwining, also activated by implicit relational knowing (Stern, 2007) and reconfigured by moments of meeting. The Portuguese School of Group Analysis has been integrating important contributions that allow for the expansion of its theoretical and technical scope. Thus, it is evidenced that the group analytic matrix becomes a chiasm of presences or a potential space that recovers the self and the other in their alterity, combating the disappearance of the other (Han, 2024).

Keywords: corporeality; phenomenology; group analysis; therapeutic change; psychoanalysis

Resumen: Partiendo del concepto de matriz grupoanalítica elaborado originalmente por Cortesão (2008), se propone una reflexión sobre la dimensión de la intercorporeidad en la situación grupoanalítica. La crítica de Merleau-Ponty al dualismo cartesiano amplía la posibilidad de comprender al ser humano como una unidad psicofísica, cuya conciencia es encarnada. El concepto de quiasma, presentado en *Lo visible y lo invisible* (2019), disuelve fronteras rígidas entre el yo y el otro, estableciendo la intersubjetividad primariamente a través de la intercorporeidad. Este paradigma desafia el “mito de la mente

¹Grupanalista pela Sociedade Portuguesa de Grupanalise e Psicoterapia Analítica de Grupo; Professor Adjunto na Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa – Lisboa; Portugal. E-mail: ruigomes1982@gmail.com

Autor Correspondente: Rui Gomes, ESSCVP - Lisboa, Avenida de Ceuta 1, 1300-125 Lisboa, Portugal

Recebido em: 12/11/2025 | **Alterado em:** 29/11/2025 e 15/01/2026 | **Aceito em:** 23/02/2026

***Notas de Agradecimento:** A discussão profícua realizada entre o autor e vários membros da Sociedade Portuguesa de Grupanalise e Psicoterapia Analítica de Grupo, em particular com a colega Isabel Figueira, foi inspiradora na construção deste artigo.

aislada”, orientándose hacia un psicoanálisis poscartesiano (Stolorow & Atwood, 2019) que define la mente como un sistema intersubjetivo corporizado. Se argumenta que la situación grupoanalítica se desarrolla en un campo intercorporal vivo y dinámico, donde incluso el lenguaje es concebido como una “gesticulación con palabras” (Fuchs, 2016). En este setting, el cambio terapéutico surge de este entrelazamiento, activado también por el saber relacional implícito (Stern, 2007) y reconfigurado por momentos de encuentro. La Escuela Portuguesa de Grupoanálisis ha estado integrando importantes contribuciones que permiten ampliar su alcance teórico y técnico. Así, se evidencia que la matriz grupoanalítica se convierte en un quiasma de presencias o espacio potencial que recupera el self y al otro en su alteridad, combatiendo la desaparición del otro (Han, 2024).

Palabras clave: corporeidade; fenomenología; grupoanálisis; cambio terapéutico; psicoanálisis

Introdução: o entrelaçamento na grupanalise

O ponto de partida para esta reflexão é o conceito de matriz grupanalítica, definida como uma “rede específica de comunicação, relação e elaboração” que, pela integração do padrão grupanalítico, “fomenta a evolução do processo grupanalítico” (Cortesão, 2008, p. 116).

O autor propõe uma reflexão sobre a dimensão da intercorporeidade na situação grupanalítica. Sugere-se que a experiência vivida no grupo radica num entrelaçamento de corpos, a partir do qual podem emergir elementos conducentes à mudança terapêutica.

Coloca-se em discussão em que medida a situação grupanalítica, pensada tradicionalmente a partir de modelos psicanalíticos marcados pelo dualismo mente-corpo, pode ser recolocada à luz da intercorporeidade e da ontologia da carne em Merleau-Ponty.

Desta forma, interroga-se que dimensões intercorporais da matriz grupanalítica permanecem pouco tematizadas na teoria e na técnica, e como o recurso à fenomenologia merleau-pontyana permite redescrevê-las como um quiasma de presenças.

Objetivo

Propõe-se discutir de que modo a noção de intercorporeidade e o conceito de quiasma em Merleau-Ponty ampliam a compreensão da matriz grupanalítica como um campo intercorporal vivo, com implicações para a conceção da mudança terapêutica na situação grupanalítica.

Método

Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, ancorado numa leitura fenomenológico-hermenêutica de Merleau-Ponty, articulada com a psicanálise pós-cartesiana e com contribuições da Escola Portuguesa de Grupoanálise. O percurso reflexivo organiza-se em três movimentos: (1) apresentação dos conceitos de consciência encarnada, carne e quiasma em Merleau-Ponty; (2) diálogo destes conceitos com a noção de matriz grupanalítica e com a perspectiva do campo intersubjetivo na grupanalise; e (3) discussão das implicações desta leitura para a compreensão da mudança terapêutica e da própria matriz como um quiasma de presenças na situação grupanalítica.

Fundamentação fenomenológica: da consciência encarnada ao quiasma

Partindo da crítica de Merleau-Ponty ao dualismo cartesiano, a fenomenologia oferece um suporte significativo para a compreensão do conceito de intercorporeidade. O dualismo cartesiano postula a separação entre a mente (res cogitans - coisa pensante) e o corpo (res extensa - coisa extensa). Merleau-Ponty, em

contraste, apresenta o homem como uma unidade psicofísica inseparável. Um conceito central da sua obra *Fenomenologia da Percepção* (2020) é o de consciência perceptiva (ou encarnada). A consciência não é vista como uma entidade abstrata e isolada que pensa o mundo, mas sim como um sistema de potências perceptivas e motoras que emerge da existência corporal. O acesso primordial ao mundo não é um “eu penso que”, mas um “eu posso”, uma possibilidade de ação enraizada no corpo vivido. Merleau-Ponty afirma: “não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (Merleau-Ponty, 2020; p. 6).

Esta consciência encarnada implica que o próprio corpo é uma gestalt, um todo expressivo e significativo que é sempre mais do que a soma das suas partes. A gestalt implica “a relação de um corpo perceptivo com um mundo sensível” (Merleau-Ponty, 2019; p. 195).

Na obra *O visível e o invisível* (2019), Merleau-Ponty apresenta a sua ontologia da carne. Através da ideia de quiasma, dissolve as fronteiras rígidas entre o interior e o exterior, o sujeito e o objeto, e o eu e o outro. O corpo e o mundo são concebidos como tecidos da mesma carne, num campo de reversibilidade e permeabilidade contínuas. A espessura do corpo, longe de isolar, é o meio pelo qual se chega “ao âmago das coisas, fazendo-me mundo e fazendo-as carne” (Merleau-Ponty, 2019; p. 134).

Esta visão de uma porosidade originária fundamenta a noção de intersubjetividade, que se manifesta primariamente através da intercorporeidade: a possibilidade de relação entre o eu e o outro através dos corpos.

A psicanálise pós-cartesiana e o corpo relacional

As noções fenomenológicas desafiam os modelos psicanalíticos tradicionais. Estes modelos foram permeados pelo “mito da mente isolada” (Stolorow & Atwood, 2019), que concetualizou a psique como uma entidade autónoma, separando problemáticamente mente e corpo, e interno e externo. Nesta visão, a mente era entendida como uma “coisa pensante” cujos processos, como as pulsões, se originavam no seu interior, isolados do contexto relacional.

Coelho Júnior, contudo, argumenta que a corporeidade é simultaneamente interna e externa, incluindo a presença irrecusável das pulsões e a abertura permanente para o mundo e para os outros. O autor aponta para a simultaneidade das dimensões “intrapíquicas” (aparelho psíquico, pulsões) e “intersubjetivas” (relação com o outro, o ambiente), que ocorrem no âmbito da corporeidade (Júnior, 2010, p. 56).

Stolorow e Atwood (2019) designam como “psicanálise pós-cartesiana” o paradigma que evolui da definição de mente cartesiana isolada para um “sistema intersubjetivo”. Este sistema é inerentemente corporizado e relacional, ecoando a ideia da consciência perceptiva de Merleau-Ponty. Neste novo quadro, destacam-se:

- o contextualismo fenomenológico: a experiência emocional toma forma e adquire significado dentro de contextos relacionais constitutivos, não sendo um fenómeno puramente intrapíquico;
- a primazia da afetividade: o afeto apresenta-se enquanto principal força motivacional. A experiência emocional é co-constituída desde o nascimento no seio de sistemas relacionais, sendo inseparável dos contextos de sintonização afetiva com o outro;
- os sistemas intersubjetivos: aqui, fenómenos como transferência e contratransferência são compreendidos como interações mútuas, formadas no encontro entre os mundos subjetivos do paciente e do analista, deixando de ser vistos como processos intrapíquicos isolados.

O campo intercorporal e a linguagem na grupanálise

Estas convergências teóricas permitem-nos compreender a situação grupanalítica como um campo intercorporal vivo e dinâmico em que a intercorporeidade evidencia a interdependência dos funcionamentos psíquicos através de múltiplas formas de comunicação, onde podemos destacar:

- os estímulos não verbais e pré-verbais que são experienciados e vividos sensorial e afetivamente, onde pacientes e grupanalista experienciam, também, processos transferenciais e contratransferenciais;
- até mesmo a linguagem, frequentemente vista como puramente mental, revela a sua natureza corporal. Fuchs (2016) enquadra a linguagem como uma forma de intersubjetividade corporificada, um gesticular com palavras que se baseia em experiências partilhadas. O significado das palavras deriva da nossa interação corporal com o mundo. Esta visão é confirmada pelas neurociências contemporâneas, que revelam que o processamento da linguagem está funcionalmente conectado a sistemas sensorio-motores, demonstrando a sua base corporificada (Fuchs, 2016).

Intercorporeidade e mudança terapêutica

A compreensão do grupo como um campo intercorporal, onde a própria fala é um ato do corpo, tem implicações na conceção da prática clínica e na natureza da mudança terapêutica.

A relação entre percepção e expressão em Merleau-Ponty encontra paralelo na conceção de Winnicott sobre o desenvolvimento do self. O conceito de quiasma em Merleau-Ponty pode dialogar com o de espaço transicional de Winnicott.

Em Winnicott, a criatividade está intimamente ligada à busca do self. O brincar é fundamental para que o paciente possa ser criativo e utilizar toda a sua personalidade. Winnicott (2022) afirma que “a psicoterapia ocorre na interseção entre duas áreas do brincar: a do paciente e a do terapeuta”. O brincar é essencial “porque é nele que o paciente pode ser criativo” (2022, p. 92). A vida é experienciada na área dos fenómenos transicionais, onde “a subjetividade e a observação objetiva se entrelaçam” (2022, p. 107).

A mudança terapêutica também pode ser pensada através do conceito de “saber relacional implícito” (conhecimento processual, não consciente, que molda os padrões relacionais). Estes aportes concetuais, desenvolvidos pelo Grupo de Boston (Process of Change Study Group, 1998) como descrito por Daniel Stern (Stern, 2007) e mobilizados por múltiplos outros autores, permitem conceber que a mudança ocorre quando estes padrões são ativados no campo interativo presente da terapia. Ao serem ativados e vividos no “aqui e agora” na situação grupanalítica, podem ser transformados por novas experiências, como as experiências corretivas ou os momentos de encontro (momentos de sintonização empática).

As neurociências afetivas reforçam esta perspetiva. Panksepp evidencia o papel dos sistemas emocionais primários, em particular o seeking (buscar/procurar) e o play (jogar/brincar), na motivação nos processos terapêuticos. As emoções são corporalmente encarnadas, emergindo de interações entre o corpo e o cérebro (Panksepp, 2004; Panksepp & Biven, 2012). O play (jogar/brincar) está relacionado com o sistema dopaminérgico do seeking (buscar/procurar) e está vinculado à aprendizagem social e com o desenvolvimento epigenético de sistemas complexos de comunicação, como os neurónios-espelho. Seeking (buscar/procurar) e play (jogar/brincar) são potencialmente postos em jogo dentro da matriz grupanalítica, onde os sistemas de espelhamento são fundamentais para a regulação da experiência emocional. Estão diretamente ligados a processos corporais, nomeadamente à ativação de circuitos subcorticais e à expressão somática das emoções.

Evidencia-se, assim, que a situação grupanalítica pode funcionar como um espaço potencial onde os diversos membros do grupo exploram novas formas de ser e de se relacionar.

Escola Portuguesa de Grupanálise: integração grupanalítica e fusão de horizontes

Como Ferro (2022) elucida, aos contributos da metapsicologia e da perspetiva pulsional evidenciados por Cortesão foram-se integrando perspetivas complementares (com aportes da neurobiologia da memória),

evidenciando a importância da perspectiva da intersubjetividade no processo grupalítico. A autora exemplifica contribuições da Escola Portuguesa de Grupalidade que enfatizam o campo intersubjetivo, a saber:

- a comunicação metadramática (Silva, 1994), que incorpora o diálogo entre sistemas explícitos e implícitos;
- a integração dos momentos de encontro de Stern (Dinis & Afonso, 2021), englobando as memórias implícitas na prática clínica (Dinis, 2003);
- o acentuar da pertinência da escuta intersubjetiva através do conceito de caixa de ressonância empática (Ferro & França, 2021) proposto por Dinis (2001).

Também se destacam a relevância do campo dinâmico conceptualizado por Madeleine e Willy Baranger (por César Dinis) e a conceptualização da noção de ecoponto (por Aucindio Valente) (Ferro, 2022).

A tarefa da psicoterapia, segundo Fuchs (2007), é explorar o espaço vivido do paciente para reabrir o seu horizonte de possibilidades. O agente desta mudança é o próprio campo interativo, que opera como uma “fusão de horizontes” entre os mundos do terapeuta e dos pacientes.

Entre a matriz grupalítica e a intercorporeidade: aproximações

A teoria grupalítica contém elementos que apontam para uma compreensão encarnada na situação grupalítica. A noção de matriz grupalítica, tal como formulada por Cortesão, descreve uma rede viva de comunicação e de afetação mútua, onde circulam fantasias, emoções e significados partilhados. Conceitos como comunicação metadramática ou caixa de ressonância empática sublinham a dimensão intersubjetiva e implícita desse tecido relacional.

Apesar destes contributos, a referência ao corpo tende a surgir de modo mais descritivo ou metafórico, sem uma tematização sistemática da intercorporeidade como condição originária da experiência. Neste ponto a fenomenologia de Merleau-Ponty oferece um contributo singular. Ao propor a ontologia da carne e o conceito de quiasma, o autor ilustra que os corpos se influenciam mutuamente, afirmando uma intercorporeidade originária, anterior à distinção entre sujeito e objeto.

A matriz grupalítica pode assim ser pensada como um quiasma de presenças corporizadas, no qual cada gesto, silêncio e palavra no seu tom e ritmo participa num tecido comum. Esta perspectiva oferece uma base ontológica que aprofunda as formulações grupalíticas acerca da matriz e do setting, tornando mais visível a sua dimensão de intercorporeidade originária.

Deste modo, em vez de substituir conceitos grupalíticos por categorias fenomenológicas, a intercorporeidade merleau-pontyana permite explicitar certas limitações da linguagem tradicional da grupalidade: a leitura do conceito de matriz grupalítica nem sempre torna visível que o entrelaçamento dos participantes se dá ao nível de uma carne comum, de uma porosidade estrutural entre o self e o outro. A noção de quiasma não duplica simplesmente a ideia grupalítica de intersubjetividade; ela permite um foco na reversibilidade entre percepção e expressão, oferecendo noções mais finas para pensar como na situação grupalítica cada corpo é simultaneamente lugar de experiência e de inscrição no grupo.

Considerações finais

Em suma, a matriz grupalítica configura-se enquanto um entrelaçamento de corpos, um quiasma de presenças que se afetam mutuamente de forma contínua e profunda.

O reconhecimento dos processos corporais, não-verbais e implícitos enriquece a teoria e a técnica grupalítica. Demonstra-se que a mudança terapêutica não se limita à interpretação, mas reside na oportunidade de novas experiências relacionais que reconfiguram o modo fundamental de ser-no-mundo-com-os-outros.

Neste contexto, o lugar da grupanálise torna-se espaço potencial de múltiplas possibilidades terapêuticas. Ao focar-se no seu alcance intersubjetivo e intercorporal, assume uma importância acrescida numa era marcada pelo que Byung-Chul Han designa como o desaparecimento do outro. Esta abordagem recupera o self e o outro na sua alteridade, mistério e complexidade irreduzível, combatendo o risco atual em que “a proliferação do igual constitui as transformações patológicas que afligem o corpo social” (Han, 2024, p.7).

Referências

- Cortesão, E. (2008). *Grupanálise: teoria e técnica*. Sociedade Portuguesa de Grupanálise.
- Dinis, C. (2001). Caixa de ressonância empática - Existir na net e ser na matriz grupanalítica. *Revista Portuguesa de Grupanálise da SPGPAG*, (3), 15–26.
- Dinis, C. (2003). O tempo e a mudança. *Revista Portuguesa de Grupanálise da SPGPAG*, (5), 28–37.
- Dinis, C., & Afonso, J. (2021). Transference/countertransference in the Portuguese school of group analysis. In I. Neto & M. França (Eds.), *The Portuguese school of group analysis: Towards a unified and integrated approach to theory, research and clinical work* (pp. 126–136). Routledge.
- Ferro, S. (2022). Mudanças de paradigma em psicanálise, neurobiologia da memória e grupanálise. *Vínculo - Revista do NESME*, 19(2), 264–269.
- Ferro, S., & França, M. (2021). The Portuguese school of group analysis: The integration of psychoanalytic concepts in group analysis. In I. M. Neto & M. França (Eds.), *The Portuguese school of group analysis: Towards a unified and integrated approach to theory, research and clinical work* (pp. 53–72). Routledge.
- Fuchs, T. (2007). Psychotherapy of the lived space: A phenomenological and ecological concept. *American Journal of Psychotherapy*, 61(4), 423–439.
- Fuchs, T. (2016). The embodied development of language. In G. Etzelmüller & C. Tewes (Eds.), *Embodiment in evolution and culture* (pp. 107–128). Mohr Siebeck.
- Fuchs, T. (2019). The interactive phenomenal field and the life space: A sketch of an ecological concept of psychotherapy. *Psychopathology*, 52(2), 67–74.
- Han, B.-C. (2024). *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje*. Vozes.
- Junior, N. (2010). Da intercorporeidade à co-corporeidade: elementos para uma clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(1), 51–60.
- Merleau-Ponty, M. (2019). *O visível e o invisível*. Editora Perspectiva SA.
- Merleau-Ponty, M. (2020). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.
- Panksepp, J. (2004). *Affective neuroscience: The foundations of human and animal emotions*. Oxford University Press.
- Panksepp, J., & Biven, L. (2012). A meditation on the affective neuroscientific view of human and animalian MindBrains. In *From the couch to the lab: Trends in psychodynamic neuroscience* (pp. 145–175).
- Process of Change Study Group. (1998). Non-interpretive mechanisms in psychoanalytic therapy: The ‘something more’ than interpretation. *International Journal of Psychoanalysis*, 79(5), 903–921.
- Silva, J. (1994). Comunicação metadramática e interpretação grupanalítica. *Revista Portuguesa de Grupanálise da SPGPAG*, 5, 49–64.
- Stern, D. (2007). *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Editora Record.
- Stolorow, R., & Atwood, G. (2019). *The power of phenomenology: Psychoanalytic and philosophical perspectives*. Routledge.
- Winnicott, D. (2022). O brincar: atividade criativa e a busca do self. In *O brincar e a realidade*. Ubu Editora.